



...ONHO DE 1938



Tr. José Leque Barata

A
6.840

Noites de Evora

Miscellanea poetica, romantica
e de varia historia

PUBLICAÇÃO MENSAL

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA



19 ABR 1941



N.º 6.034

EVORA, Eduardo de Sousa, EDITOR
PRAÇA DE GERALDO

..... pido a los que leyren, perdonen, ó emi-
enden los yerros que hallaren fuera de mis de-
seos, advirtiéndolo, que encobrillos, y desculpar
faltas es de sabios, y lo contrario de ignorantes.

MACEDO. *Flores de España*, Prologo.

EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, IMPRESSOR DA CASA REAL

Praça de D. Pedro. 22

1897

PREAMBULO

Longas como as noites de Lamego ⁽¹⁾ são as de Evora, para o homem que vive a vida do espirito.

Em theatrinhos sem importancia aqui, ali, mais ao diante se proporciona a alguns passatempo honesto, mas não tão instructivo quanto podera ser, por carencia de ensaidores que corrijam os innumerados erros de toda a especie, que ali se vão ouvir. O de *Garcia de Resende*, colossal, poucas vezes funciona, pelo dispendioso custeio, que exige. Como o *Academico*, em Coimbra, foi durante sua longa existencia só para academicos ou artistas de fama europea, e por fim já se dava a todos, o de Garcia de Resende, até ha pouco reservado só para companhias de eximios artistas, já se fran-

(1) *Noites de Lamego* provem de se pôr ali o sol apparentemente cedo, por ser a cidade rodeada de altas montanhas.

queia a curiosos, que lá vão fazendo o que podem com as forças próprias, que não é pouco.

Sociedades recreativas ha, desde o chamado *Club*, dos ricos e dos fidalgos, até ás artisticas. Nestas casas alguns passam parte das compridas noites de inverno, já lendo, já jogando jogos tolerados, e até prohibidos. Os que seguem outros caminhos, que poucos são, volvem suas attensões para a leitura ensinadora e para a escripta.

Para todos, e para estes, especialmente, esta publicação mensal, feita para mais breves lhes parecerem as *Noites de Evora* ao colleccionador e ao editor prestimoso.

Viverá em quanto houver alentos.

Não se diz o que será tal publicação : ella o dirá a quem ler.



O Jardim de André de Resende

Maio de 1838

(INEDITO)

No momento em que as cinsas deste grande Eborense estão ameaçadas de ficar para sempre envoltas nas ruínas do convento de S. Domingos de Evora; que ora se está demolindo; quando, passado algum tempo, é de recear não seja dado aos seus admiradores apontar com o dedo o logar em que repousaram os venerandos restos do Mestre dos Reaes Infantes, é para mim por extremo grato pagar um pequeno tributo de admiração á memoria de tão illustre litterato.

Deixou André de Resende aos sabios portuguezes e aos estranhos um valioso legado, as suas eruditas obras. Deixou aos seus patricios Eborenses outro, não menos estimavel, o seu nome eternizado na Rua, em que habitou. *A Rua do Mestre Resende* é situada no Bairro das Alcaçarias, e 'nella existem ainda as proprias casas, aonde este varão viveu, e que foram propriedade sua. Ali fui acompanhado de um amigo, 'numa linda tarde de primavera (30 de Abril de 1837), entrando pela mui acanhada porta, cujo andar inferior se conserva no estado primitivo. No mesmo nivel deste andar ha um Jardim, não grande, mas vistoso e mui bem tratado, com ruas alinhadas de viçoso buxo, que elevando-se em espaços symetricos forma formosos arcos. Esta plantaçõ não é do tem-

po de Resende ; mas é de crer que o Jardim tenha sido, sem interrupção conservado e cultivado, de fôrma que ainda hoje se pode com verdade reputar o *Jardim de Resende*.

Confesso que 'neste aprasivel logar me enchi d'aquella admiração e respeito, que é tão natural aos viajantes e peregrinos, quando visitam os logares santos, ou que foram theatro de grandes acções e successos memoraveis.

Aqui, qual segundo Aristoteles, passeando dava o grande homem aos filhos dos Reis as lições das sciencias e da virtude, e se pode com razão chamar o *Peripato Eborense*.

Ali, para allivio do penoso estudo plantava e buxo, cultivava as flores e contemplava os primorosos productos da bella natureza. Aqui, arrancando da mão do tempo gastador os preciosos monumentos da veneranda antiguidade, tratava de colligir e conservar as lapidas e inscripções, que seu infatigavel zelo descobria dispersas, e envoltas em ruinas, do ignorante vulgo despresadas. E, na verdade, são estas lapidas o que ainda hoje ha de mais curioso no Jardim ; mas algumas de balde as tentei ler. As primeiras tres que se encontram proximas á porta do Jardim, indicam ser romanas, parecem de granito ; mas realmente são de grés compacto, razão porque não tem podido arrostar impunemente as vicissitudes de tantos seculos. Duas estão totalmente apagadas, e a terceira deixa apenas conhecer alguns traços soltos, que me não foi possivel ligar, alem da primeira palavra SALVE. Creio serem romanas.

Mas, para devida compensação, se acham em melhor estado no fundo do Jardim, encravadas na parede, as seguintes quatro, começando da esquerda para a direita :

*flecte venw. ensignv̄ per quod vis victa tirani
antiqui atqve erebi concidit imperivm :
hoc tv sive pivs fronte. sive pectora signes
nec lemorv̄ insidies expectar aqve vana time.*

Esta lapida é de marmore branco, e por cima della está uma cruz de lousa *chisto argilloso* (*thonschiefer* dos mineralogistas alemães), a que na Provincia se dá o nome de *Pedra de Mourão*, por ser muito abundante nos terrenos desta villa, d'onde é transportada por toda a Provincia para differentes construcções. Em volta da cruz e lapida estão engastadas na parede em fórma de cascata muitas conchas e pedrinhas, o que tudo está reformado de pouco tempo, e a mesma cruz não parece muito antiga; mas, ou esta ou outra semelhante devia sempre andar annexa á lapida, cuja inscripção lhe é allusiva.

É claro que esta lapida é de tempos christãos, e não já primitivos, pois que o mal talhado dos caracteres, a barbaridade da orthographia e até o pensamento do segundo disticho manifestam um seculo de ignorancia, e nimia credulidade. (1)

(1) Tenho uma lembrança de que estes versos são de Aurelio Prudencio. Na Quinta do Arcediago, do sr. Visconde da Esperança, existe a mesma inscripção á entrada de uma fonte, sobre um arco do seculo XVI. Teria sido de Resende esta Quinta?

AQVY JAZ MARTIM
 DOLIUEIRA : O QUAL
 SE FINOU : NO ANNO
 DE MIL : CCCCLXI.

E' de um bello marmore branco, mui bem aberta em lindissimos caracteres de letra gothica, ou quadrada. As armas são uma oliveira com fructo.

As ultimas letras da parte direita estão quebradas, mas suppreem-se bem, e sua falta não dá logar ao menor equivoco.

Julgo ser este Martim de Oliveira o mesmo que em 29 de Dezembro de 1451 era Juiz ordinario em Evora, como consta de um documento do Cartorio dos Paulistas da mesma cidade, hoje no Archivo da Administração Geral.

Terceira :

IVLIA RVFI F.
 MVNILLA. H. S.
 JVLIA. GALLA
 H. S.

É uma inscripção romana : a pedra é marmore escuro : os caracteres não são mui bem formados, e posto que já tenha sua difficuldade em ler-se, com alguma attenção se percebe distinctamente.

Quarta :

.....
 TIOS SEVERVS
 EQVES ROMA
 NVS. V. S. L. M.

É o fragmento inferior de uma lapide romana. (2)

Depois de darmos eu e o meu amigo as devidas graças á carinhosa affabilidade da boa mulher, que habita esta memoravel casa, fomos aproveitar o resto da tarde 'num pequeno passeio, reflectindo sobre as indagações que nos haviam occupado 'neste aprasivel logar.

J. H. DA C. RIVARA.

.....✻.....

BIOGRAPHIA

LUIZ JOSÉ DA COSTA

Um dos mais proeminentes vultos da actual sociedade eborense é o cidadão notavel cujo nome fica em cima.

Não se lhe vae escrever a biographia, não obstante o merecel-a bem; mas unicamente deixar aqui aos que viverem depois de nós uns traços della, ou para ella.

Nasceu em 9 de janeiro de 1833. Dado ao mister de cabelleiro, sangrador e barbeiro, em novo,

(2) Estas inscripções foram dadas ao sempre lembrado Bibliothecario da Bibliotheca de Evora, Augusto Filippe Simões, pelo possuidor da casa, ao tempo Duarte José da Assumpção, e se conservam no museu epigraphico da mesma Bibliotheca, existente no jardim da cidade.

hoje dessas occupaões só exerce a de sangrador, nos poucos e especiaes casos em que a medicina prescreve a sangria.

Bem vestido sempre, e mais na mocidade, d'ahi lhe veio o cognome de *Janota*. Namorador destemido 'naquella epoca da vida, tinha dedo para escolher: mulher que elle cortejasse era formosa.

Não queimava incenso nas pyras de vulgaridades.

Deu-se ao theatro em rapaz, e 'nelle buscou maneiras de sala, polida e cortez linguagem, certa distincção não vulgar.

Sem instrucção official, cedo desabrochou 'nelle o gosto á leitura amena, ao folhetim, especialmente, cuja natureza alegre se harmonisa com a sua delle.

Desde largos annos que se dá a um genero de escripta parecido á volubilidade d'aquelle genero litterario, ao escrever *chronicas*.

'Nesta especialidade, como 'noutras, é verdadeiramente singular, Tendo em casa um legitimo armazem de periodicos com folhetins, desde Lopes de Mendonça até hoje, intelligente, memoriado e instruido escreve muitas vezes folhetins ou *chronicas* com o pseudonymo de *Janota & Companhia*, o que quer dizer que parte da obra é delle e a outra ou outras, de um ou de mais de um dos mortos e dos vivos! Com tal arte, porém, serze elle os bocadinhos, e com tal geito e propriedade accomoda o todo a um caso, a um facto da actualidade, que ninguem dirá, desconhecendo estes processos, que a obra não saiu do molde, in-

teira, apropriada a tal ou tal fim. 'Nesta accomodação ha quem ponha em certa duvida o ser d'elle a escripta. Porque o não ha de ser? Quarenta annos de leitura feita por um homem intelligente, não produziram taes escriptos? Produzem, necessariamente.

Parece que aos duvidosos já elle dissera um dia:

Meus caros, dou-vos uma resma de papel, uma caixa de pennas e um pote de tinta, e empraso-vos para dentro de um anno me escreverdes cousa que se leia, e se pareça com os meus escriptos.

Abstracto, mais cogitativo de suas cousas do que das dos outros, não é raro o fallar-lhe alguém 'num assumpto e elle responder com outro, com o que lhe andava na mente 'naquella occasião, e que elle, tambem por singular feitio, tem vontade de fazer conhecido de todos.

Por especial idiosyncrasia, não é rara outra manifestação de seu espirito singular; no mais empenhado de uma conversação ou disputa, em que elle parece ser um esforçado contendor, frequentes vezes o vemos cessar de esgremir, trovejando até, e deixar ao adversario abruptamente, sem d'elle se despedir!

Sem pôr nunca o gorro phrygio de republicano, republicano é, e progressista, e regenerador, e o que quizerem politicos; mas semgre amigo de todos, e com elles privando. Preciso é ser habil para isto conseguir, como elle o consegue á maravilha.

Não sei se em rapaz já era mysoginico, como hoje o dizem ser: é um platonico, para quem o

crescite et multiplicamini biblico é uma utopia, não obstante o ter gasto quantiosas importancias com actrizes, cousa de que se gaba galhofeiro.

Singular em mais do que um ponto, aquelle em que mais destaca sua individualidade é no ser unico em acudir aos enfermos, sejam elles quaes forem, vivam 'nesta ou 'naquella esteira social. Privando com todos os medicos, colhendo delles desde rapaz ora uma applicação, ora outra, para tal ou tal padecimento, um remedio para esta ou aquella doença, é o primeiro a fazer indicações sensatas até que ao enfermo chegue o respectivo facultativo, e solcito, cuidadoso e solerte enfermeiro de todos; pequenos e grandes, e com a maior abnegação de recompensa.

Ha quem lhe negue certa seriedade, quem só lhe confie o que de todos deva ser sabido. Não sei o que de justo haverá em tão severo juizo, antes o supponho grandemente exagerado.

Não lhe pesam os annos: presente em todos os theatros, dançando e marcando contradanças como um moço em quantos saráos por ahí se fazem, acompanhante de todos os enterros de amigos ou de conhecidos e sên necrologista, Luiz José da Costa ha de deixar na população eborense um vasio grande, quando cair na ampulheta de seus dias a ultima areia. Que tarde seja!



Epigraphia lapidar

«Em 26 de 8br.º de 1711 desmanchando-se a muralha velha defronte da Misericordia desta cidade para a obra que na Igreja se fazia, a qual muralha se desmanchou athe aos fins do alicerce, se achou aver ali huma sepultura por q.^{to} se acharão sinco pedras no m.^{mo} alicerce da muralha lavradas em forma de hum baú, do comprimento de sinco palmos, huma das quaes se verá no pateo da Miz.^a aonde hoje 13. de Junho de 1721 junto a outras pedras que estão deitadas no alicerce da muralha que aqui nesta p.^{te} passa de 20. palmos de larga, estava hua pedra marmore m.^{to} bem lavrada com as seg.^{tes} letras :»

D. M. S.
 SEX. IUL. MAURINUS
 V. ANN. XX. IUL.
 MANSUETA. MATER.
 FILIO. PIENTISSIMO.
 FECIT. S. T. T. L.

Este cippo, que um conego da Sé, da casa Cordovil, viu no seculo passado, não existe hoje.



SOCIEDADES CONIMBRICENSES

No anno de 1827 começára brilhantissima em Coimbra a *Sociedade Philomatica de Coimbra*, composta de alumnos das sciencias naturaes. Curta existencia teve; por que lhe crearam embaraços e difficuldades insuperaveis as auctoridades que preparavam o advento dos acontecimentos de 1828.

Ainda hoje se conservam manuscritos, por letra de J. H. da C. Rivara, os Estatutos.

Periodo calamitoso foi para o paiz o começado em 1828; mas, raiára 1834 e despontára o sol da bonança.

Nova *Sociedade Conimbricense dos amigos da Instrução* fundavam alguns dos antigos socios, e outros, em numero de 37, cujos membros da classe das sciencias naturaes eram estes:

Domingos Monteiro da Veiga e Silva
 Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara
 Francisco Ignacio de Sequeira Ferraz
 *João Maria Baptista Callixto
 Luiz Antonio Pereira da Silva
 *Pedro Norberto Corrêa Pinto d'Almeida
 Victorino Pinheiro de Lacerda
 *Antonino José Rodrigues Vidal
 *Januario Peres Furtado Galvão
 Antonio Luiz Ribeiro da Silva
 Antonio Macedo Pereira Coutinho
 Manoel José Felicissimo de Abreu
 Francisco José Martins Giésteira

Aniceto Gonçalves Bobella
 *Antonio Maximo Pereira Dias
 *Florencio Peres Furtado Galvão
 *Raymundo Venancio Rodrigues
 Rodrigo José de Moraes Soares
 *Francisco de Castro Freire
 *Roque Joaquim Fernandes Thomaz
 José Joaquim da Silva Areias
 Pedro de Sousa Cardoso
 *Agnello Gaudencio da Silva Barreto
 Antonio Tavares d'Almeida e Castro
 *Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto
 Agostinho Luiz Pereira Valente
 Daniel Tavares da Cunha
 José Pimentel Tavares
 *José Maria Baldy
 Zeferino Benvenuto de Serpa Pacheco
 Antonio Xavier Pinto da Silva
 Julio Maximo d'Oliveira Pimentel
 Antonio Ferreira de Macedo Pinto
 Francisco Diogo de Sá
 Francisco Antonio de Mello Freitas.

Homens notaveis, foram lentes de Universidade os que levam asterisco, e alguns dos outros de varias escolas scientificas.

Presidia ás sessões Roque Joaquim Fernandes Thomaz, sendo secretario Cunha Rivara.

Era o predominio das ideias da apoca: ainda tentaram fundar outra *Sociedade dos Estudiosos Conimbricenses*, que não sei se passára de projecto.

Existem em Evora as bases para seus Estatutos, com 6 artigos e respectivos paragrafos.

O ADEUS

ODE

(ORIGINAL E INEDITA)

Dedicada aos brilhantes meritos
da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes

..... Auguste verité,
Repans sur mes ecrits ta force, et ta clarté.

VOLTAIR. Henriad. Chant 1.^o

De Marilia cantemos
As virtudes, e encantos,
O seu Nome exaltemos,
Musa d'Almeno consagrada a prantos,
Oh Musa minha! Alegra-te: é preciso
Trocar antigas lagrimas em riso.

A gratidão te inspira:
Fere as cordas brilhantes
Da temperada lyra;
De Amor as flammas, os grilhões não cantes,
Não cantes a cegueira do Universo,
Eleva a mais o torneado verso.

A virtude, a belleza,
Eis os grandes objectos
Que, honrando a natureza,
Exigem teus louvores, teus affectos;
A' verdade arranquemos a mordança:
Não necessita de lisonja a graça.

Tu, que no carro de oiro
 Gyras os céos divinos,
 Deos dos vates ! Deos loiro !
 Dá-me os teus sons, ensina-me teus hymnos,
 Teus hymnos, que rochedos amolgaram,
 Que de Anfrizo a corrente aprisionaram.

A minha alma arrebatada
 Em extasi de gloria
 A' bella estancia grata,
 Onde contigo as filhas da memoria
 Tecem para a sublime heroicidade
 Altas capellas, que não roe a Edade :

Não desdenhes meu rôgo,
 Numen ! ouve-me... Oh pasmol
 Que transporte ! Que fogo
 Me lambe o coração ! Que Entusiasmo
 Da terra, qual tufão, me afasta as plantas
 Estro ! Sacro furor ! tu me levantas.

Bu penetro os vapores,
 Que nos ares se estendem,
 Eu... Céos ! Que resplendores !
 Os deveis olhos ao redor me offendem !
 Nado em mares de luz !... E não me abraço !...
 Ah !... socega, minha alma : eis o Parnaso.

Olha as sabias, as nove
 Puras irmãs de Clario,
 Olha as filhas de Jove :
 Lá tem de fronte o precioso Erario,
 Que guarda, em vez de lucidos thesoiros,
 Honrosas palmas, generosos loiros.

Salve, Augusta Assemblêa,
 Congresso venerando,
 Que inflamais minha ideia !...
 Mas que rosto gentil, sereno, e brando,
 Ó Musas, vosso numero accrescenta,
 E seus olhos nos meus emprega attenta

Quem és, ó nova Graça ?
 Quem és, nova Camena,
 Que o santo coro abraça
 'Nesta Montanha deleitosa, amena ?
 Raro objecto ! Quem és ? Não fiques mudo...
 Ah ! Já te reconheço, e te saúdo :

És, Marília, és aquella,
 Que exercendo comigo
 A virtude mais bella,
 A bella compaixão, me deste abrigo,
 Olhaste, carinhosa, um desgraçado,
 Desesperada victima do Fado :

E's a luz que me guia
 A meus perdidos lares,
 E a quem minha harmonia
 Ha de no imperio do senhor dos mares
 Erguer aos céos em canticos de Apollo,
 Ao som dos berros do soberbo Eólo.

Hoje as Musas te off'recem
 A perduravel croa,
 Que alcançam, que merecem
 Os genios grandes, cujo nome vòa
 Alem de Phebo, alem do Firmamento,
 E onde apenas sobe o pensamento.

Ah ! só do grão Tonante
 As adoradas Filhas
 Da tua alma brilhante
 Pintem, Marília, os dons e as maravilhas ;
 A prudencia não quer que a mais me arroje :
 Cae-me a lyra das mãos, a voz me foge.

D'esses loiros eternos
 Entre as Musas cingida,
 Ouve sómente os ternos,
 Vãos clamores de amarga despedida,
 Que para os olhos meus, que perdem tanto,
 Está de novo convidando o pranto.

Eis as velas branquejam,
 Zune propicio o vento,
 (Tão propicios te sejam
 Os habitantes do estrellado Assento:)
 Eu me entrego do mar á variedade,
 Acompanhado da fiel saudade.

Do baixo esquecimento,
 Que as lembranças consome,
 Sempre em meu pensamento
 Triumphará teu veneravel nome :
 Só nas asas da vida transitoria
 D'esta alma voará tua memoria. (1)

Fiel demonstração do respeitoso
 affecto de

(1794?)

MANOEL M.^a DE BARBOSA DU BOCAGE.



GENEALOGIA

Os Camões

E' fora de duvida, como sabem os que sabem,
 que o grande Luiz de Camões, o que nos ha de
 fazer portuguezes em quanto a humanidade tiver
 noções do passado, teve familia em Evora. Ainda
 hoje se determina o sitio em que tiveram casa de

(1) Não só é original mas autographa, esta ode de Bo-
 cage, da collecção de Manuscriptos do Ex.^{mo} Sr. Visconde
 da Esperança, o qual houve a bondade de permittir se
 imprimisse em proveito das letras patrias.

habitação, na rua do Espirito Santo, como a distancia d'alguns kilometros para sul, existe a *Camoeira*, herdade e habitação acastellada de tal familia.

Como a biographia do enorme vulto ainda está por escrever, aqui ficarão subsidios novos para ella, na menção de alguns de seus membros :

1482

Vasqueanes de Camões, vigario geral do Bispo D. Garcia de Menezes.

1487

Lopo Vaz de Camões.

1499

Lopo Vaz de Camões.

1553

Duarte de Camões, morre em 3 de maio.

1564

Duarte de Camões e Pero da Fonseca Camões são padrinhos 'neste anno de um filho de Pero Gonçalves da Camara.

1571

Duarte de Camões baptisa uma filha, Filippa.

1580-1584

Duarte de Camões, vive 'nestes annos.

1589

Duarte de Camões, morre em 17 de Agosto.

1591

Lopo Vaz de Camões, morre em 9 de Janeiro.

1595

Gongalo Vaz de Camões, morre em 16 de Agosto.

1599

Duarte de Camões da Camara, morre em 28 de Dezembro.

1617

Antonio Vaz de Camões, morto em Lisboa, é enterrado em Evora, em 9 de abril.

1644

Lopo Rodrigues de Camões, morre em 7 de Julho.



PALEOGRAPHIA

Documento de 1256

curioso por mostrar como a lingua portugueza
estava já formadas ao sul do reino

Sabham todos como nos Dona Maria M^z Aba-
dessa do moesteiro de ssam beento de Castres da-
par de a cidade d Euora com as donas professas
e conuentuaes do dito moesteiro Emprasamos A nos
/P.^o dayres morador e vesinho da cidade dEuora
em vossa vida e nom mais tres vinhas que o dito
moesteiro ha com voz a saber duas q̃ s̃som juntas
com a herança da hordem as quaes /fforam do Ca-
eiro q̃ partem com Roy meendes e com o caeiro e
com vinhas da hordem e a outra he no val do ay-
uado a qual foy de Constança Dias e parte com
Maria Dias e com / chaco (?) e por Azinhaga q̃
vay para a casa de P.^o Çalpões por tal preço e sso
tal condiçom q̃ vos adubedes as ditas vinhas com
adubos assi como sse adubam boas vinhas convem
/ a saber descauar e podar. . . . arrendar e assi
como se adubam vinhas e q̃ dedes cada hũ año ao
dito moesteiro de pensom tres libras per dia de
ssam Martinho E co/meçaredes de fazer a primeira
paga este dia de ssam Martinho primeiro que vem
E di em diante cada hũ Año em esse dia E auera

in esto as ditas vinhas devem ficar / Ao dito moesteiro livres e hissentas e sem contenda nem hua com toda ssa bemffectoria E nos obrigamos *eu e donas* do dito moesteiro a vos deffender e eparar o dito tempo / as ditas vinhas de qualquer q volas demande ou embargue assi como husso e costume da terra e eu sobredito P.^o Ayres recebo o dito emprasamento pelas ditas condições E obrigome per todos meus bens auudos e per auer a comprilas e mantelas e a adubar as ditas vinhas bem e fielmente cada hu Anõ pela guissa que dita he a pagar os ditos dinheiros cada um ano per o dito dia E nom adubando os ditas vinhas que E pagar ao dito moesteiro toda perda e dano q receberem as ditas vinhas / per migua de adubo. E nom pagando os ditos dinheiros q a dita Abadesa per ssi ou per sseu homẽ penhorem nos meus bens e vendam penhores sem ffigura de juiso per vinte / pensões E eu nõ me chamar per dita razom esbulhado. feitos dous stromentos no moesteiro de ssam beento de apar de a dita cidade d Euora vinte e quatro dias de Janeiro / Era de mil e dozentos e noventa e quatro anos ts ffrey Domingos monge da dita hordem vaasco Lourenço sseleiro P. Aff.^o Carly P.^o *m̃ gonçalues* tabeliom delrey na dita cidade d Euora q a esto presente fuy e

per outorgamento das ditas partes este stromento
e outro tal screui / meo sinal fiz que tal é.



NECROLOGIA

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Falleceu na sua casa das Córtes, junto á Leiria, no meiado do mez tindo, o poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Soldado do velho batalhão de litteratos, baixou ao tumulo deixando mui poucos dos trabalhadores de então.

Dos homens que com elle fizeram parte da redacção do jornal a Civilisação: Casal Ribeiro, Andrade Corvo, Latino Coelho, Lopes de Mendonça, Silva Tulio, Rodrigues Cordeiro, Lobato Pires, Claudio José Nunes, Palmeirim, Julio Maximo, José e Thiago Horta, Ferreira Braga, Laforte, Castilho e muitos, apenas existe o sr. João Ferreira Alves...

Havia sobre a mesa da Redacção d'aquelle periodo um caderno em que Latino e Cordeiro se satyrisaram por muito tempo, em verso. Collecção curiosa, desapareceu um dia, levada por Casal Ribeiro, quando o azedume começava a apparecer na satyra galhofeira; não comtudo, sem delle ficar copia, que hoje possui um sobrinho do illustre fallecido, o sr. Dr. Antonio Xavier de Sousa Cordeiro, Juiz de Direito em Santarem.

Não só por se ver como Latino poetava, que mui bem era, mas por se conhecer uma amostra da contenda satyrica, daremos hoje ao leitor um soneto de Latino, que cremos idedito, feito ao sympathico auctor da *Douda de Albano*, infelizmente, perdido para as letras patrias :

À ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Deputado em 1856

Demosthenes da terra do *penisco*,
 Dicaz procurador do vil *medronho*,
 Não vez que em prosa e verso ainda és bisonho
 E mal podes tratar questões de fisco ?

Se crês que na tribuna és um corisco,
 Do verbo aterrador, vulto medonho.
 Bem podes convencer-te que isso é sonho,
 Que o cerebro infeliz vae por-te em risco.

Deixa a tribuna, ó vate ! em paz repousa :
 Vae Rilhafolles pôr ao pé de *Albano* ;
 Que isto de ser petisco é triste cousa !

Enterra a triste musa até ao anno,
 Que o *famento* vivaz te empresta a lousa
 Em que buscas lançal-o, deshumano !

JOSE MARIA LATINO COELHO (1)

(1) Cordeiro era deputado em opposição ao governo de Rodrigo-Fontes, ministerio denominado *Fomento*. Representava o circulo de Leiria e pugnava no Parlamento por que se aproveitasse o rendimento do *medronho* e do *penisco*, do pinhal de Leiria. Assim melhor se entende o soneto.

DUQUES DE BRAGANÇA

Armadura de D. Theodosio II

Sabia-se que no dia 29 de Novembro de 1630, fallecera nos paços de Villa Viçosa este notavel membro da casa de Bragança, e que fôra sepultado na capella môr do convento de S. Paulo, que por cem mil réis annuaes aforára aos monges de S. Paulo, para ali jazer na morte com sua familia. (1)

Sobre a campa se lhe gravára este epitaphio :

*hic est depositus catholicus et
christianissimus nominus d. theodo-
sius, hujus dominis secundus, et bri-
gantie dux septimus : obiit die 29
novembris anno 1630.*

A seu lado fôra tambem sepultado o filho, o principe D. Alexandre, Prior do Collegio de Guimarães e Inquisidor Geral do Reino.

Quarenta e sete annos depois foram trasladados os ossos de um e doutro para a igreja dos Agostinhos, onde jazem quasi todos os Duques da celebre casa.

No decorrer dos annos, desappareceu a inscripção, de modo que nos ultimos tempos do viver

(1) Sr. J. J. da R. Espanca : *Compendio de noticias de Villa Viçosa.*

conventual poucos saberiam de quem era aquella campa.

Foi caindo em desamparo o convento e egreja, até que um dia fôra removida a campa, poucos annos ha, e debaixo della encontradas as peças principaes de uma armadura, que ficára pertencendo á camara.

Soubera o fervoroso amor archeologico do sr. Dr. C. X. d'A. da Camara Manoel que as peças existiam 'num montão de cousas inuteis, e pedira-as ao Municipio, que lh'as mandou entregar, para serem guardadas no museu districtal de Evora.

Por uma memoria inedita das antiguidades d'aquelle convento exta na Bibliotheca de Evora, tambem se sabia ter sido sepultado em parte da capella mór da referida egreja de S. Paulo, o secretario do mesmo D. Theodosio, Manoel Homem da Costa; e a esposa D. Anna d'Avreu, e a filha, D. Joanna Homem. (2)

De quem seriam pois, aquellas armas? me dissera, ha dias, o illustre por sangue, e illustrado por letras e sciencia, o sr. Dr. Camara.

São as armas que cobriam o cadaver de D. Theodosio, pae de D. João IV, amortalhado previamente no habito de S. Francisco.

Ali ficaram debaixo da campa, desde 16 de junho de 1677, quando a ossada foi recolhida na urna, que se guarda na egreja dos Agostinhos. (3)

«Amortalhado no habito de S. Francisco foi ves-

(2) Bibliotheca de Evora. Armario $\frac{CLXIX}{1-26}$ N.º 41

(3) No citado codice da Bibliotheca.

tido por cima de armas brancas, com espada e adaga douradas, com bainhas de velludo preto, calças largas pretas, botas brancas com correas, tonelete de damasco carmesim guarneecido de galões largos de ouro, com esporas douradas de bico de parda, com o bastão de Condestavel na mão direita, e na cabeça barrete vermelho de velludo, forrado de arminhos, com uma corôa de prata...»⁽⁴⁾

Isto se lê na *Historia Genealogica*, em perfeita harmonia com os objectos encontrados, não todos, por que a corôa de prata, de crer é. que fosse para a urna da egreja dos Agostinhos, ou tivesse outro destino em 1677.

Anteriormente, affirmára o mesmo outro escriptor :

«Non ad tumulandum aferri, sed ad pugnandum procedere affirmares, si corpus fulgentibus armas indutum, caput regni diademate coronatum, dextram baculo, sinistram gladio obarmatam, pedes calcaribus accinctos videres: adeo vt etiam in fetetro optimi Ducis vices, ac partes ageret, & regnum, quod viuis defenderat, mortuus constantissimè teeretur. Illa etiam leuior, sed robustior addebatur armatura, quae Divi Francisci habitum praeferebat: illum enim sub armis amictum, aduersus tenebrarum principem, pro lorica obijciat.»⁽⁵⁾

De ser o notavel Duque sepultado com corôa e

(4) *Historia Geanologica*. t. VI. pag. 526.

(5) Gaspar Pinto Corrêa : *Lacrimae Lusitanorum*, etc.

bastão o affirma tambem outro escriptor contemporaneo :

«... foy o Serenissimo Duque Dõ Theodosio enterrado cõ coroa, & bastão...» (6)

Casando-se, pois, estes dados historicos com a exactidão das peças encontradas, duvida nenhuma tenho em as considerar como as que cobriram o corpo amortalhado de D. Theodosio II, o grande, Duque de Bragança, a quem tantos elogios tem prodigalisado livros impressos e manuscriptos, como o *Theodosio del nombre, segundo*, de D. Francisco Manoel de Mello, escripto em 1648, por ordem de D. João IV.

São peças de grande valor archeologico e historico, que bem ficarão no musen districtal de Evora, appenso á Publica Bibliotheca. Graças ao sr. Dr. Camara.

.....


LINGUISTICA

Palavras e phrases de Melgaço

Arjão	Pão em que se ata a videira
Arjoada	As videiras atadas aos páos
Arrendo	Arrendamento
Amistade	Amizade
Agarimar	Abrigar
Abaladura	Aborto

(6) João Pinto Ribeiro : *Desengano ao parecer enganoso*. Lisboa, 1645, pag. 16.

Anaco.....	Por naco, pedaço
Arribada.....	Parte caída do vallado
Ante conto.....	De pressa
Atuir	Entulhar
Alboio.....	Alpendre
Achar-se ao engano..	Enganar-se
A feito	A fio, a eito, seguidamente
Bêo — verb.....	Veio
Binherom — v.....	Vieram
Burgar.....	Cavar
Brandouro	Pescaria no mais interior do rio
Barbada	Videira de raiz
Bossada.....	Campo grande ; o acto de o lavrar
Bica (do borralho)...	Pão asmo, cosido na lareira
Bôlla	o mesmo, com pouca differença
Bourar (em alguém)..	Dar-lhe pancadas
Botado (vinho).....	Turvo, corrompido
Burregar ou berregar.	Gritar, clamar
Burro	Qualquer besta
Broxar.....	Dar com força, estrondo
Cango.....	Barrote, ou tirante
Capeas	Pedras grandes por cima das paredes.
Cocar (o linho).....	Mondal-o segunda vez
Cordada (de linho)...	Grande feixe, por massar
Chimpar	Derrubar
Carrejão	Homem que acarreta ás costas
Crespoço	Pescoço
Cabirto... ..	Cabrito
Cerdeira.....	Cerejeira
Crega	Filha de clerigo
Coca	Abobora
Crabunha.	Caroço de fructa
Cabaneira.....	Mulher solteira
Cebado.....	Porco
Discante	Viola pequena

Esgassado	Arranhado
Embarrada (mulher)	Gravida, pejada
Estinhar (a agua)....	Deixar de correr
Emporisso	Ainda assim, todavia
Esteso — part. de v. . .	Estendido
Esguitar (um campo) ..	Dividil-o em leiras
Envidadouro	Baraço grande que segura redes
Eido	Morada com seu logradouro
Emprégad o.....	Entrevado
Enta	Camada de alguma cousa
Empessar.....	Começar
Esmorar-se	Quebrar-se partede qualquer cousa
Feso — part. do v....	Feito
Formalidades	Quinhões de terra
Folheteira.	Pescaria nos pegos marg. dos rios
Fum — v.	Fui
Fartes, ou que fartes.	Muito
Gando.....	Gado
Graxa.	Gordura
Guiar	Concertar, compor
Grabato, ou graveto .	Páosinho
Goarida	Rego contínuo
Herdeiros	Consortes, ou socios
Jasa.....	Trave
Juvenca	Vacca ou bezerra
Lomedro	Parte da perna superior do joelho
Lardo	Toucinho
Lumiar (o campo)....	Tirar-lhe a agua de inverno
Legão	Enxada
Mora.....	Amora, pisadura negra
Mercedes	Viva muitos annos
Mal de fóra	Feitiço
Nobio	Noivo

Nenho.	Mentecapto, pateta
Ningum.	Nenhum
Obrejar (com frio)...	Tremer com frio
Poço	Cepa de mergulhia
Pervage.	Mergulhão de vide
Purgar o vinho	Alimpar-lhe a flor
Perrigo.....	Conducto de carne ou peixe
Ponto	Pontada, dor
Pelo.....	Campo de herva
Portêlo	Passagem com pedras na parede para se pôr o pé
Pôda.	Podão
Pruga	Purga
Quelha.	Rua estreita
Quinteiro.....	Quintal, pequeno cerco junto da casa
Ressa (do sol)	Restea, raio
Repello.....	Escalavradura na mão ou pé
Rapaxa	Rapariga
Rapazo, ou raparigo..	Rapaz
Resura	Dor depois do parto
Rodo, ou rodilha ...	Joelho
Reloucar.....	Enlouquecer
Rebotado.....	Corrupto, avelhentado
Recoato	Chamada de gente
Rifar	Ralhar, pelejar
Saio.....	Vestia
Sabajo, sabajoia	Cousa endemoninhada
Sopeado (menino)...	Baptisado em casa
Surreira.	Por onde entra o enxurro
Sandar	Sarar
Tardo.	Pesadelo
Trepar	Calcar aos pés
Tola (da agua).....	Parte do rego onde ha roturas

Tanjara	Carga de pancadas
Trono.....	Trovão
Ullo elle?	Onde está elle?
Vieche — v.....	Viesse
Xibar.....	Roncar como valentão.
Zeba (dos porcos) ...	Ceva dos porcos.



O DEÃO DE EVORA

Têm os Deães da cathedral de Evora o tratamento de *Dom*, como se vê de uma de suas Actas, a de 16 de Julho de 1544, em que se lhe reconhece e faz saber aos membros do Cabido que de tal modo o tratem, devendo-se a cada um dos demais um singelo *senhor*, anteposto ao nome.

Sendo regalia já antiga, que 'naquella acta se fez reviver, de crer é que subsista hoje o mesmo direito, embora esquecido, por ter sido posto de parte por algum, que o não quiz usar, o que seria sufficiente para o successor fazer o mesmo, por claras razões de vaidade, que lhe podiam enrostar, sem motivo.



Epigraphia litteraria

O religioso que tem real não o val.

BERNARDES.

A nobresa d'Evora e o Aqueducto

1534

Por se ver não só a quantidade de casas legitimamente nobres que no seculo XVI havia em Evora, se não o auxilio pecuniario com que contribuíram para a obra do Aqueducto, vamos publicar um documento inedito, como o julgamos, de D. João III.

Contribuíram, pois, ao que parece por ordem do rei, os seguintes :

Conde de Linhares	3\$000
Conde do Prado	27\$100
D. Rodrigo Lobo	38\$000
Tristão da Cunha	4\$000
Coudel môr (Silveira)	70\$400
D. Duarte de Menezes	26\$600
Pero Correa	16\$000
Joanne Mendes de Vasconcellos	54\$000
Alvaro Mendes de Vasconcellos	35\$200
D. Diogo de Castro	47\$200
Francisco de Miranda	5\$000
Simão da Silveira	10\$000
Mulher e filhos do Craveiro	4\$400
Mulher de Diogo de Mello	20\$000
Francisco de Mello	5\$000
Ruy de Mello	8\$700
D. Pedro	40\$000
Vasco da Silveira	22\$000
D. Fernando d'Eça	4\$000

D. Fernando Anrique	3\$000
Vasco Annes Corte Real	24\$000
Anrique de Sousa	10\$000
Diogo de Mello de Castello Branco	16\$000
D. Gonçalo Coutinho	7\$000
D. Antonio, filho de Lopo da Guarda	16\$000
D. Isabel de Castro	3\$000
Mulher de Simão da Silveira	10\$000
D. Isabel de Noronha	9\$000
D. Braz Henriques	6\$000
Nuno Rodrigues Cogominho	35\$000
Francisco de Mendanha	10\$000
D. Tristão Coutinho	5\$000
Francisco de Faria	9\$000
Garcia Zuzarte	12\$000
D. Filippe de Sousa	1\$200
Filho de Diogo Lopes Brandão	11\$400
João de Saldanha	2\$000
Mulher do Dr. Pero Gomes Teixeira	27\$640
Dr. Jorge Machado	1\$800
Frutos de Goes	12\$000
André Dias	1\$000
Mem de ?	3\$000
Alvaro Pacheco	7\$300
Eitor Mendes	7\$000
Fernão de Macedo	4\$000

Estas verbas foram descontadas nas tenças de aquelles individuos, o que deixa ver ter sido uma contribuição forçada, ou um adiantamento.

O documento foi escripto em Evora em 12 de Julho de 1535, e vem na *Chronica* inedita de D.

João III, por Antonio de Castilho, a folhas 45 v. que o tirára do maço 21 do Armario 1.º da Torre do Tombo.

A que excellentes commentarios se prestava este documento?



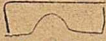
Joanna Peres Ferreirim

(Abbadessa de S. Bento)

Dizem os livros de nossa historia que esta infeliz mulher fôra sepultada pelos franciscanos de Evora na casa do capitulo de seu convento.

Ao ser esta demolida agora, appareceu, de facto, uma campa singular no seu pavimento, que deve ser a da desditosa senhora morta pelo povo da cidade, em 1384.

Descreva-se conforme foi vista: Revelando a pressa com que fôra feita a occultas do povo sublevado pelo mestre de Aviz, era composta de quatro pedras toscas postas, no solo, a modo de arca, ou campa prehistorica, duas por banda, as mais compridas, e duas por cabeceiras as mais curtas, tendo uma dellas a fôrma especial, qual outra não vi,



um corte toscamente feito, como toscas são as quatro. Aquelle corte da pedra cobria a cabeça da morta senhora. Lá estava o craneo pequeno, de mulher, e ao longo da sepultura, pagã na fôrma, a ossada desfeita. Necessidades posteriores haviam lançado sobre a ossada de Joanna

Peres, não outro cadaver, mas dispersos ossos em uma ou mais camadas. Apenas um anel de azeviche, ao parecer, se encontrou em baixo, e um rosario de contas de vidro.

Com os mais ossos foram arrecadados os da Abbadessa, para serem sepultados no cemiterio publico, e o craneo, incompleto, guardado para o museu de raridades do sr. Visconde da Esperança. É uma reliquia de martyr das violentas commoções politicas de Portugal. Guarda-se hoje de frente do convento em que foi Abbadessa, na Quinta da Manisola.

Se o museu da Bibliotheca de Evora guarda fragmentos da maxilla de Garcia de Resende, tão celebre na cidade, não menos foi celebre Joanna Peres Ferreirim, para se lhe não dever guardar o craneo.

Termine esta noticia com algumas considerações, que me induziram a crer ser esta campa a da Abbadessa: 1.º o caso de não lhe darem os frades sepultura na terra; 2.º o mal aparelhado das quatro pedras, revelando a pressa com que foram preparadas; 3.º o corte da da cabeceira para a cabeça da morta ali ficar sem terra sobre o rosto; 4.º o não se conhecerem sepulturas assim, se não prehistoricas ou romanas, resultando de tudo a intenção dos franciscanos de respeito pela fidalga, pela mulher, Prelada de um mosteiro, por uma martyr, finalmente.



Livreiros em Evora

Não os ha hoje, mas houve-os em tempos antigos, quando esta cidade foi litterata, e teve conventos e Universidade, e até os houve francezes.

O raro livro: *Missale secundum consuetudinem Elborensis ecclesiae noviter impressum*, foi mandado imprimir pelo livreiro francez Antonio Lermet, como se deprehende destas palavras: *Impressum Olivipone expensis magistri Antonio Lermet Elborensi civitatis librarii. 1509.*

Desta edição ha um exemplar na Bibliotheca de Evora, e da primeira, ainda talvez do seculo XV, nenhum se conhece.



AZULEJOS

Derivado de Azul, diz o fallecido erudito J. H. da Cunha Rivara, e antes d'elle Bluteau, no *Vocabulario*, vem o nome que damos aos ladrilhos, ou tijolos vidrados 'numa face, com pinturas, que não só serviam de ornamentação de casas, egrejas e jardins, mas de pavimentos. Isto escreveu elle em uma nota que, vertida para a lingua franceza, vem no livro: *Les arts en Portugal.*

Querem outros achar-lhe etymologia no arabe, e talvez com melhor fundamento, na palavra *Azzalujo* de *Zallaja*, como nos ensina Fr. João de Sousa nos *Vestigios da lingua arabica.*

De longe vem o emprego dos azulejos, tanto na Hespanha como em Portugal.

Os mais antigos eram fantasiosos em salientes relevos geometricos, de mui variadas formas. Havia-os lisos, de côres verdes e azues, e raro amarellas.

Aos de relevo tenho ouvido chamar arabes.

Tem Evora muitos do seculo XVI e muitissimos dos seculos XVII e XVIII, especialmente em conventos e igrejas, nos quaes já todos elles concorrem para representar assumptos biblicos ou vidas de Santos, em grandes paineis, como os da igreja de São Bento, em que a phantasia do pintor chegou a tocar as raias da interpretação licenciosa.

Os do Lyceu, Universidade dos Jesuitas, representam paineis adequados aos assumptos das doutrinas que em cada aula se ensinavam, com bons desenhos na paisagem, bem representados instrumentos de physica, e bem pintadas vestes das figuras. São do seculo passado.

Serviam de pavimentos, como os da pequenina capella de Garcia de Resende, na cerca do mosteiro do Espinheiro.

Não é consideravel em Evora a variedade de desenhos dos azulejos, e semelhantes apparecem em varias partes.

Empenha-se actualmente o sr. Dr. Camara Manoel, Director das Obras Publicas do Districto, em reunir o maior numero e variedades, que ser lhe possa. Bem haja elle, em por tal modo salvar amostras, ao menos, desta industria notavel, que Boddallo Pinheiro está avivando nas Caldas da Rainha.

Como um dos mais antigos mosteiros de Evora, o de S. Bento tinha-os de muitas edades, e alguns, por certo, antiquissimos, bem como o convento de S. Domingos, demolido em 1839, donde vieram muitissimos para ornar a entrada de uma casa na rua do Raymundo.

Curiosa cousa fôra o poder-se determinar se os azulejos foram uma industria portugueza, em Evora. Nada conheço, porém, que a tal conclusão me persuada.

De ladrilhos coloridos ha hoje uma excellente fabrica, a S. Mamede, no local onde existiu uma casa nobre antiga, pertencente a um industrial emprehendedor, Francisco Damaso.



Siderurgica

Ainda hoje a industria dos trabalhos em ferro tem em Evora alguns exemplares curiosos e raros.

Dos seculos XV e XVI devem ser a guarnição de uma porta de um celleiro que foi da Mitra e hoje é da Bibliotheca, já reproduzida no famoso jornal *Arte Portuguesa*, que morreu mal nascido, e as grades do baptisterio da Sé, e da escada que conduz a vestearia. Tanto uns como outros destes trabalhos são, realmente, formosos.

Na egreja de S. Francisco guarda-se, 'numa das dependencias, uma grade bem trabalhada de caprichosos labores, florões e torcidos, que é dignissi-

ma de conservação em um museu. No da Bibliotheca Publica já se conserva uma grade de janel-la, menos brincada; mas altamente curiosa, e 'num ponto ou 'noutro da cidade algumas existem ainda que se devem conservar.



HISTORIA COMTEMPORANEA

A BATALHA DE ALBUERA

(INEDITO)

Existe na já rica livraria de manuscritos do sr. Visconde da Esperança uma carta interessantissima sobre aquella celebre batalha, que tanto alento deu ás forças combinadas contra os Francezes.

Escripta por homem com certo grão de instrução, ressentente-se da pressa com que feita.

Não sei quem a escrevera, por que no papel, folha em folio, se cortou á tesoura o nome de escriptor.

Como subsidio importante para a nossa historia militar aqui fica, para impressa se salvar da ruina, do desaparecimento, a que estão sujeitos papeis singulares:

«No campo de Badajoz, d'aquem Guadiana, formavam o sitio, ás ordens do Brigadeiro Lámelei,

inglez, o nosso Regimento 17 na esquerda, campo que tinha assaltado, vencido e regado com o seu sangue, desalojando o inimigo do cerro de Santa Engracia, e tomando-lhe um reducto; uma brigada de infantaria ingleza no centro, com o trem de artilheria; no mesmo os esquadrões da Cavallaria Portugueza n.º 3, ás ordens do honrado Silveira, primo do General deste nome no norte; e na direita os Regimentos de Milicias d'Evora e Villa Viçosa: achando-se alem do rio todo o peso do nosso exercito alliado, á disposição de Beresford. A 8 (ou 9) houve uma sortida da praça para nos tomar uma bateria, o que fez empenhar todas estas tropas mais do que a prudencia exigia; investiram até ao fosso o inimigo, que fez aquella negação para nos chamar até á artilheria, a qual nos fez perder bastante gente morta, e estropeada; entre os ditos um coronel inglez ferido sem perigo, dois officiaes da cavallaria, dos quaes já morreu um capitão e o tenente está no mesmo. Perdemos mais alguns individuos e muitos soldados na construcção das baterias depois d'esta investida; mas achavam-se já os trabalhos dos approxes tão adiantados, que logo se começou a fazer fogo de bater, abrindo até um rombo no forte de S. Christovam; porem, como não eram distrahidos pelo nosso exercito d'alem (apesar do complemento das suas baterias) carregou sobre as de cá tanto fogo da ponte, castello e forte que o nosso se mandou sustar. No dia 15 se mandou levantar este campo, deixando com pena as baterias tão terri-
veis já ao inimigo, que a brecha seria bem facil,

executando os nossos prodigiosamente em poucos dias o que aos francezes custára. sem fructo, 45 e muitas mais vidas. O motivo foi vir Soult com 25:000 homens em soccorro d'aquelle importante ponto, que por um fio ameaçavamos destruir.

O Marechal Beresford lhe foi sair ao encontro, levantando o campo, nas margens do Alboeira, junto da povoação, que ali existia com o mesmo nome, e agora jaz inteiramente demolida, mostrando suas ruinas, como monumento da assignalada victoria de nossas armas combinadas, no dia 16 do presente mez de Maio.

Antes d'isso direi quaes eram nossas forças. O nosso exercito portuguez e inglez de 22:000 homens: o dos hespanhoes de 13:000 dos diversos corpos de D. Carlos de Hespanha; conde de Pen, Blake e Ballesteros; todos estes quatro Generaes presentes á acção.

Mendizabal, sem commando, offereceu-se, e serviu como soldado voluntario, para desafrontar-se da deshonra de 19 de Fevereiro, nas margens do Chevora.

Os officiaes hespanhoes já semeavam a divisão, fallando só de Castanhos tomar o commando em chefe, como a maior patente de Capitão General; porem, este logo na Ordem do dia, mandando que todos obedecessem ao sr. Beresford, atalhou as funestas consequencias da má intelligencia dos ditos.

As 8 e 3 quartos da manhã do dia 16 se deu principio á acção mais sanguinosa, que esta guerra tem produzido; eu não sou de exageração: di-

gam o que viram esses officiaes e outras pessoas respeitaveis, os mesmos prisioreiros.

Logo a investida foi de parte a parte com o mais encarniçado furor, e em pouco se viu tudo tão baralhado que nenhum chefe tinha logar para observações, nem o Quartel General segurança. O de Beresford foi logo investido por 14 lanceiros, a ver se faziam fortuna; mas acharam 'num commandante, Guerreiro, a braveza de um demónio, a quem a defesa mais vigorosa e resoluta, com os promptos soccorros dos seus portuguezes livrou, depois de algumas horas de prisioneiro: o mesmo succedeu ao grande Ballesteros, liberto da mesma sorte; em fim, Mendizabal e os outros tantos Generaes hespanhoes, inglezes e os officiaes Generaes portuguezes, tudo foi soldado, tudo em perigo, tudo uns tigres com a espada em punho. Os dos francezes se mediram tambem com os nossos corpo a corpo; destes, tres feridos gravemente (alem do proprio Sault com uma bala) e tres mortos ficaram no campo da batalha. Até ás cinco da tarde, sem cessar, não se vio se não fogo, fumo, estampido, furor, alaridos, ferro e mortes; tudo horrores, tudo banhado em sangue, em que o mesmo Alboeira já corria envolto, como vio o Desembargador Manoel da Costa Pessoa, respeitavel, e o auditor geral do exercito me diz posso ter por certo, que os francezes no campo e retirada perderam já 10:000 homens.

Tudo ali foi singular: a ninguem se deu quartel no calor da acção; tudo foi á espada, baioneta e fogo.

O inimigo a favor da nevoa, que veio sobre a tarde, recolheu-se aos pinheiraes, donde logo se retirou, sempre acossado do exercito victorioso, onde se lhe aprisionou o commandante da recta guarda Bourbon, muito presado de Soult, vivissimo, muito pratico no terreno, coronel de grande merecimento, e por isso de tanto melhor presa : já lá foi para Lisboa.

Tem-se ajuntado no campo uns 800 francezes, a maior parte feridos mortalmente, que elles deixaram, e vão morrendo todos os dias aos 20.

Alem de Rupen, Gazan e Brest, que dizem com incertesa serem os Generaes que ficaram mortos no campo, perderam os inimigos mais 3 coroneis etc., etc.

Morreu só um Major General, inglez, Oton ; feitos seus vestidos 'num crivo das muitas balas. Aqui se enterrou com toda a pompa militar, etiquetas da guerra, e de noite descargas de mosquetes e artilheria.

As tres nações, perdemos 4 a 5:000 homens, os hespanhoes e inglezes mais que nós, sendo os primeiros atacados.

Beresford já ha dias mandou d'alem do rio, Hamilton, formar de novo com a sua divisão o sitio de Badajoz. De cá já hoje sahiram tropas para os campos de Santa Engracia.

O Lord Wellington chegou aqui a 18, e já em Campo Maior dormiram duas divisões do exercito do norte, que traz para reforçar Beresford. Castanhos tambem aqui está ha dias. D. Carlos de Hes-

panha ficou só ferido levemente, Cool e Lamelei da mesma sorte. Brigadeiros inglezes.

(Nome cortado na carta).

Elyas, 25 de de maio de 1811.

P. S.

Para satisfazer o meu desejo de communicar-lhe tão curiosas noticias e interessantes a todo o patriota, não tenho mais tempo do que fazer este res-
cunho a toda a pressa: desculpe-me, pois como mereço, nos defeitos que vir, uns meros, mas outros da precipitação.



D. JULIANA DE LARA

SIMILES HISTORICOS

Juliana de Lara, ou de Noronha foi a primeira Duqueza de Aveiro. Era filha do terceiro Marquez de Villa Real, D. Pedro de Menezes.

D. João de Lencastre, filho do Duque de Coimbra, D. Jorge, bastardo de D. João II, casou com ella, depois d'esta ser menoscabada em sua honra por D. João Lobo, filho do III Barão de Alvito, D. Rodrigo Lobo, que propalára ser casado com ella, facto escandaloso na Côrte beatifica de D. João III, que terminou pela prisão do Barão, D. Rodrigo,

no Castello de Soure, e pelo degredo para o Brasil, do filho, D. João Lobo.

D. João de Lencastre, sendo ainda Marquez de Torres Novas, menoscabára semelhantemente a D. Guiomar Coutinho, filha do Marquez de Marialva, que foi esposa do Infante D. Fernando, irmão do rei D. João III, affirmando ser com ella casado clandestinamente, d'onde resultou devassa e prisão d'elle no Castello de Lisboa, e desterro da Côrte do pae, D. Jorge, Duque de Coimbra.

De modo que, aquelle que se dissera esposo de D. Guiomar Coutinho, não o sendo, casou com D. Juliana de Lara, de quem tinha affirmado o mesmo, o filho do Barão de Alvito, caso que foi devassado por ordem de D. João III e que tambem teve as mesmas consequencias, ou bem parecidas!

É conhecido o caso de D. Guiomar dos historiadores, parecendo não ser o de D. Juliana de Lara, ou de Noronha. Não sei o porque o calaram, e apenas na chronica de D. João III, incompleta obra de Antonio de Castilho, se transcrevem a carta do Barão de Alvito. D. Rodrigo Lobo, escripta ao rei do Castello de Soure em 6 de Dezembro de 1546, e sentença de D. João III illibando D. Juliana da mancha calumniosa.

Existem, porém, copias 'num codice da Bibliotheca de Evora, do juramento que perante os Dezembargadores do Paço prestára D. Juliana; sentença de D. João III declarando-a innocente da calunnia, datada de Almeirim aos 16 de Dezembro de 1546; sentença soltando o Barão de Alvito do Castello de Soure, e prohibindo-lhe a entrada na

Côrte, bem como ordem do rei para elle depois vir á Côrte e 'nella exercer o seu officio, datada de Lisboa de XXIII de Julho de 1548, e a sentença que por dez annos desterra para o Brazil a D. João Lobo, filho do Barão. Tambem existe copia da carta que Braz Luiz da Motta, Beneficiado da Sé de Lisboa, escreveu ao Cabido della noticiando-lhe por miudos o casamento de D. Juliana com o Duque de Aveiro, em 5 de Fevereiro de 1547, em Almeirim.

Diz D. Juliana em seu juramento: « . . . juro 'nesta vera cruz, que tenho ao pescoço que lhes mostro, e 'nestes santos Evangelhos em que ponho as mãos, que isto foi o mais falso testemunho que se nunca alevantou, e que neste caso nunca me passou pelo pensamento que este homem isto cuidava, nem nunca por nenhuma pessoa, molher nem homem, nem moço nem menino me foi dado recado seu, nem carta sua, nem nunca vi letra sua, nem nunca pelo pensamento me passou que com outro homem podia casar se não com o Duque de Aveiro, e isto porque me parecia que suas Altezas me queriam fazer esta mercê por suas muitas virtudes, e pelos mercimentos de meu pae, e lhes peço porquanto aqui ha cartas falsas feitas em meu nome, queira que ante elles escreva; e porque eu antes d'agora, e por fazer má letra me ensinava a escrever o Doctor Manoel Vaz, mestre do Marquez, meu irmão, e por que eu de antes fazia um y gre-go no signal e agora faço um grande, porei aqui ambos os signaes e a razão porque o mudei eu vol-a disse e vos podeis dizer a Sua Alteza.»



